

● ENTREVISTA

Eternizar a Madeira através das Flores

Pedro Spínola, botânico

ERICA FRANCO
efranco@dnoticias.pt

Formado na área de Estudos da Cultura, há cerca de oito anos que Pedro Spínola se dedica quase exclusivamente à paixão que herdou da avó: as orquídeas.

Em Outubro do ano passado registou a sua primeira orquídea híbrida, o *Epidendrum* Ribeira Brava Flamedrop, em honra do concelho da Ribeira Brava.

O projecto pessoal que, confessa, “nunca tinha passado de uma ideia quase utópica”, voltou a florescer recentemente. O *Dendrobium* Charme de São Vicente (dedicado, desta vez, ao concelho de São Vicente) é a sua nova criação, registada na Royal Horticultural Society, autoridade internacional para o registo destes novos híbridos.

Como é que surge este novo projecto de criação de orquídeas híbridas? Por mera curiosidade e imaginação. Olhar para duas plantas em flor, ao mesmo tempo, no meu terraço e imaginar como seria o híbrido resultante desse cruzamento. Existem bases de dados internacionais para os híbridos registados e conseguimos perceber o que se faz e o que já existe por todo o mundo. Não podemos cruzar todas as orquídeas, outras cruzam-se, mas abortam no processo de maturação, outras não vingam, etc. É um processo de tentativa e erro, com muita ciência por trás, lá está, mas que surgiu por acaso.

Pode explicar-nos esse processo em traços gerais e quanto tempo demorou a criar o *Dendrobium* Charme de São Vicente, em particular? O processo é moroso e difícil e impossível de recriar em condições que não num laboratório.

Primeiro, há que perceber, e isso vem com estudo, quais as orquídeas que podemos cruzar e saber, também com estudo, a hora e altura ideais da floração para o fazer. Escolher, pelas características, qual será a planta ‘mãe’ (‘seed parent’) e a planta ‘pai’ (‘polen parent’). O pólen é retirado manualmente de uma delas e inserido na parte feminina da outra flor escolhida. Se houver sucesso na fecundação, forma-se uma cápsula (...) que pode ser minúscula, no acaso de orquídeas miniatura ou enorme, tipo banana, noutras.

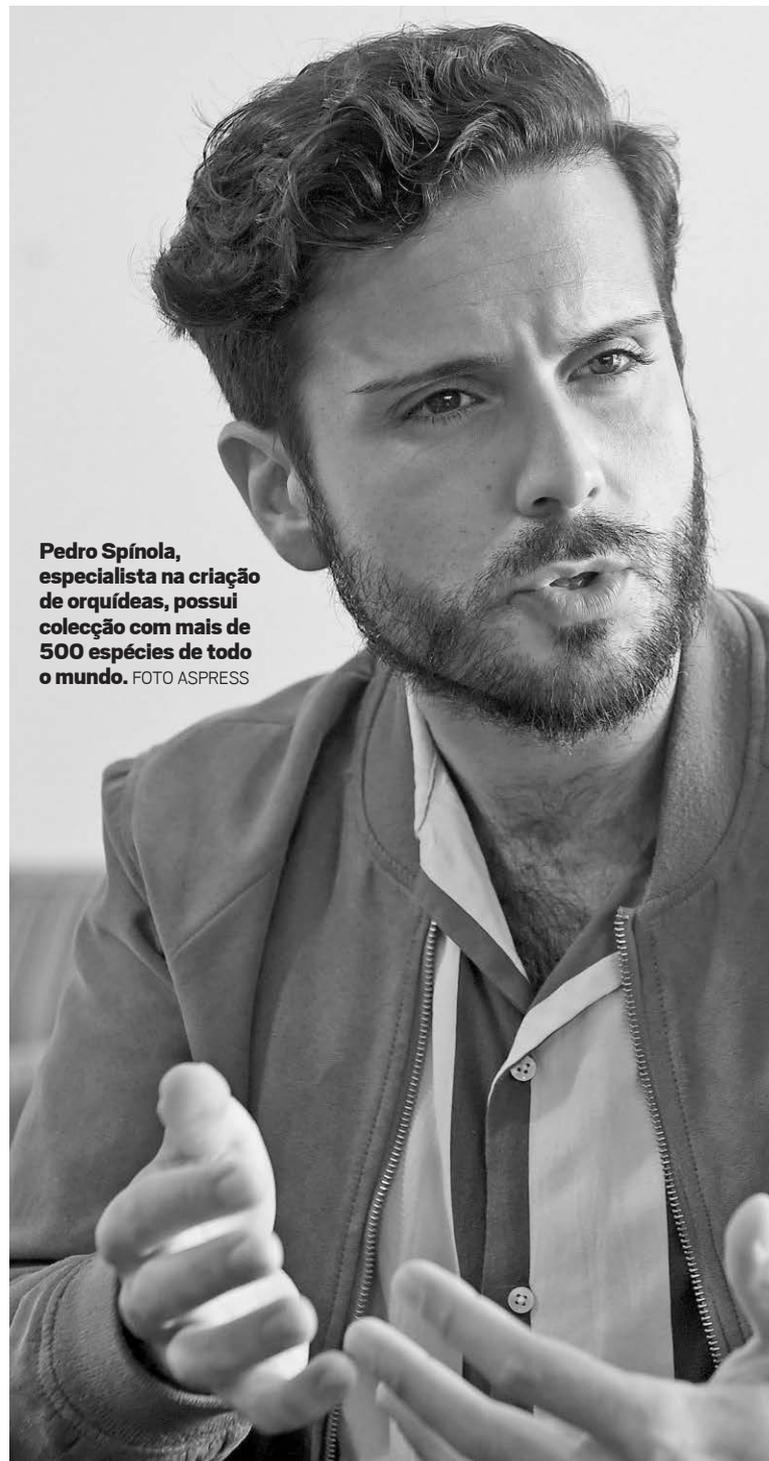
ORQUÍDEA EM HOMENAGEM A SÃO VICENTE É NOVA CRIAÇÃO REGISTADA POR PEDRO SPÍNOLA

Depois, essa ‘gravidez’ varia imenso no tempo, indo de menos de um mês a mais de um ano. O ‘timing’ para a apanha é obra de estudo e é influenciado por imensos factores, climáticos, especialmente, mas deve ser, para melhor sucesso de replicação, apanhada antes que ela se abra sozinha, assegurando a não contaminação do interior dessa cápsula por fungos e outros agentes. Aí, sim, e já em laboratório, o processo de sementeira é realizado, todo ‘in vitro’, até que estejam grandes e fortes o suficiente para virem para o exterior. Essa fase, novamente, varia imenso, de menos de um ano até mais de três, por exemplo.

Saídas das condições controladas e após a aclimação, atendendo ao clima ideal para cada uma delas, o tempo de floração é imensamente variável, dependendo da própria planta, enquanto indivíduo, mas especialmente da espécie, ou de que híbrido se trata. Nalgumas, esse processo pode ser rápido, inferior a um ano. Noutras, pode ultrapassar uma década...

No caso do *Dendrobium* Charme de São Vicente, as plantas chegaram às minhas mãos em Maio último. Ou seja, pouco mais de um ano para a sua primeira flor, requisito imprescindível para o seu registo oficial, que é acompanhado de fotos, medidas, dados, etc.

Primeiro Ribeira Brava, agora São Vicente... a ideia é criar uma planta para homenagear cada concelho da Região? Qual se segue, pode revelar-nos? Precisamente. Apesar de haver já quatro orquídeas registadas de forma alusiva à Madeira, sendo a mais antiga de 1957, e duas alusivas ao Funchal, quase ninguém sabe disso e sinto que há um desaproveitamento desse potencial. A ideia deste projecto é, de facto, criar híbridos inéditos, registá-los em honra dos diferentes municípios, eternizando, em todo o mundo, a Madeira através das mais belas flores e torná-lo



Pedro Spínola, especialista na criação de orquídeas, possui colecção com mais de 500 espécies de todo o mundo. FOTO ASPRESS

público. Este projecto ultrapassa qualquer dimensão pessoal, uma vez que, divididas ou multiplicadas em laboratório, são ‘virtualmente’ imortais. Registá-las é a forma de garantir um acompanhado e legitimado regram nas nomenclaturas, havendo, por exemplo, orquídeas

registadas no século XIX que hoje em dia ainda existem e fazem honra a qualquer individualidade ou região que lhes tenha dado nome. Relativamente aos próximos concelhos, não consigo dizer, mas posso dizer que existem três *Coelogyne* e um *Bulbophyllum* (géne-



CRIAR HÍBRIDOS INÉDITOS É A MINHA MANEIRA DE CHAMAR A ATENÇÃO PARA O ‘CARTAZ’ MADEIRENSE

ros) já no processo de crescimento para um futuro registo.

Cada uma destas flores tem características próprias associadas ao concelho que lhe serve de inspiração? O resultado do cruzamento é sempre uma incógnita, quando são inéditos, mas podemos, com alguma experiência, antever resultados. A ‘chaticé’ é que, ao mesmo tempo que esperamos que a nossa planta floresça, alguém noutra parte do mundo pode ter feito esse mesmo cruzamento e essa planta pode florescer primeiro e, lá está, ser registada com outro qualquer nome. É impossível, assim, criar um híbrido a pensar num concelho. O que acontece, pelo menos no meu caso, é um jogo de inspiração. Com o *Dendrobium* Charme de São Vicente, a associação foi simples e rápida.

O que é que pretende transmitir com este projecto? Talvez a ideia do potencial, da possibilidade, da perícia e da capacidade que a Madeira tem no panorama das flores. As coisas ‘aconteciam’ nas décadas passadas. O clima era bom, a concorrência era pouca. Hoje, os peritos emigram, reformam-se e há um certo sentimento de flutuação que vive num campo totalmente distinto da produção intensiva. O cerne da ‘madeirensidade’, das ‘flores da Madeira’, da ‘Ilha das Flores’ não vive em estufas onde se produzem milhares de coisas iguais, mas antes, e isso acredito com força, no mais eclético e pitoresco jardim de cada madeirense onde, ainda hoje, se encontram plantas raríssimas, plantas muito procuradas pelo mundo fora e que cá existem, sem que os seus detentores o saibam. Criar e honrar os municípios é, talvez, a minha maneira de chamar a atenção para o verdadeiro ‘cartaz’ madeirense. A sua autenticidade e diferença, aqui através das orquídeas.

Estas flores pretendem, então, ser um ‘cartão-de-visita’ do destino Madeira? A minha formação superior é nos Estudos Culturais. Não botânico, nem gestor hoteleiro e este projecto nasceu de uma intenção, pessoal e genuína, de tentar contribuir para a diferenciação e honra da minha região. Foi uma espécie de contributo de alguém que acredita, piamente, que todos temos algo a dar. Se elas pretendem ser um cartão-de-visita? Não, mas podem vir a ser, quem sabe.